



**FUNDAÇÃO COMUNITÁRIA TRICORDIANA DE EDUCAÇÃO**

Decretos Estaduais n.º 9.843/66 e n.º 16.719/74 e Parecer CEE/MG n.º 99/93

**UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE DE TRÊS CORAÇÕES**

Decreto Estadual n.º 40.229, de 29/12/1998

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

## **ENCONTROS COM A SEDUÇÃO**

**Três Corações**

**2006**

**CHRISTIANE NASCIMENTO FERREIRA GUENOUN**

## **ENCONTROS COM A SEDUÇÃO**

Dissertação apresentada à Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR como parte das exigências do Programa de Mestrado em Letras, para obtenção do título de Mestre.

**Orientador**

Prof. Dr. Marcelino Rodrigues da Silva

**Três Corações  
2006**

Ao guerreiro Eric, que jamais desistiu de mim como conquista;  
à doce e constante presença de Alice, antes na descontinuidade, agora na totalidade;  
à vida e à morte que em mim se manifestam através da sedução,

**DEDICO**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao princípio feminino que em mim habita, travando sempre o diálogo necessário com o meu universo racional, por ter permitido que o trabalho aqui materializado fosse composto desse misto: sensação e análise.

A Eric, meu companheiro de aventura, incentivador, admirador e instigador, que, com seu amor, conhecimento e serenidade, deixou-me livre para buscar a minha essência.

À minha família, em especial à doce e querida Alice, que soube admirar-me apesar das nossas diferenças e jamais cobrou de mim uma postura diferente daquela que adotei (saudades eternas).

Ao meu orientador, Dr. Marcelino Rodrigues da Silva, que, confiando na minha capacidade, não permitiu que eu desistisse.

Ao anônimo que provoca em mim a comoção e o abalo característicos da sedução.

## SUMÁRIO

	<b>Página</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>6</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>7</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 SEDUÇÃO E EROTISMO.....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 O elã do erotismo.....</b>	<b>10</b>
<b>2.2 O campo erótico.....</b>	<b>14</b>
<b>3 SEDUÇÃO E PODER.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 Sedução e produção.....</b>	<b>27</b>
<b>4 SEDUÇÃO E MORTE.....</b>	<b>39</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>47</b>

“A imediata atração do canto, da voz, do perfume. É o da pantera perfumada. (Détienne, *Dionysos mis à mort*). Conforme os antigos, a pantera é o único animal que exala um odor perfumado. Ela usa esse perfume para capturar suas vítimas. Basta-lhe esconder-se (pois sua visão as aterroriza), e seu perfume as enfeitiça – armadilha invisível onde vêm prender-se. Mas é possível voltar contra ela esse poder de sedução: caçam-na atraindo-a com aromas e perfumes.”

*Jean Baudrillard*

## RESUMO

GUENOUN, Christiane Nascimento Ferreira. **Encontros com a sedução**. 2006. 48 p. (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR – Três Corações – MG.

A sedução sempre permeou a história humana. Difusa, sua gênese atrela-se à origem das primeiras comunidades. Intimamente relacionada ao erotismo, tem sua análise facilitada pelo entendimento do campo erótico – associado aos corpos, aos corações e ao sagrado. Na construção teórica advinda de conceitos como interdição e transgressão, identificamos a formação de uma sociedade do trabalho, baseada na organização e na razão. A partir dela, percebemos um constante embate entre o mundo natural, “violento” e da animalidade, e o mundo da produção, no qual elementos que possam desviar o homem das suas atividades coletivas são afastados. Como grandes elementos ameaçadores do universo do trabalho – masculino – encontramos a morte e a sexualidade. Ambos são alvo de interdições durante todo o transcorrer da história da humanidade. Por meio da análise de suas interdições em determinados contextos históricos e das suas respectivas transgressões, é possível identificar uma série de mecanismos do funcionamento social e cultural do homem, delineando um perfil mais claro da pós-modernidade. Dessa análise, a banalização do sexo e a higienização da morte são os exemplos mais claros. Porém, em todas as etapas do desenvolvimento humano, permanece o desejo e a necessidade do reencontro com a nossa face mais natural. Permanece o desejo de uma religação com o todo, a sensação primordial de inteireza. O erotismo é a ponte que restabelece a ligação entre o ser e a totalidade. A sedução é a estratégia circulante que desafia o mundo do trabalho e estabelece a interface com o mundo natural. Usando como suporte teórico essenciais observações e apontamentos cotejados de Georges Bataille e de Jean Baudrillard acerca do tema, o presente trabalho consiste em uma discussão teórica sobre a sedução, o erotismo e a contemporaneidade.

## ABSTRACT

GUENOUN, Christiane Nascimento Ferreira. **Encontros com a sedução**. 2006. 48 p. (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR – Três Corações – MG.

Seduction has always been present through the human history. Although it is disseminated, its genesis has to do with the origin of the first communities. Closely related to eroticism, its analysis is simplified by the understanding of the erotic field – associated with bodies, hearts and sacred. From theoretical construction based on concepts like interdiction and transgression, we identified the formation of a working society, which was based on organization and reasoning. From this society, we realize a constant shock between the natural world, “violent” and animal, and the world of production, in which elements that may deviate man from his collective activities are moved away. As big threatening elements of the working universe -male- we find death and sexuality. Both are targets of interdiction through the human history. From the analysis of their interdiction in specific historical contexts and their respective transgression, it is possible to identify a series of mechanisms of the human social and cultural functioning, drawing a more understanding profile of post-modernity. From this analysis, the banality of sex and death are the most common examples. Yet, in every part of the human development, it remains the desire and necessity of meeting our more natural face. It remains the desire of a connection with the whole, the primordial sensation of entirety. The eroticism is the bridge that restores the connection between the being and the totality. The seduction is the surrounding strategy that challenges the working world and establishes the interface with the natural world. The present work consists in a theoretical discussion about seduction, eroticism and contemporaneity using as essential theoretical support the observations and notes of Georges Bataille and Jean Baudrillard concerning the subject.

## 1 INTRODUÇÃO

Analisar o seu próprio tempo é um desafio. Olhar com distanciamento a realidade que nos circunda não é fácil. Nem sempre é possível. No contexto da contemporaneidade isto ganha outro componente: a velocidade da troca, da mudança. Retratar algum aspecto do homem pós-moderno é aventurar-se num terreno desconhecido e, especialmente, mutável.

Classificar ou localizar a sedução como um evento “da” atualidade é, mais do que diminuí-la, incorrer em um erro conceitual. A sedução pode ser vista pelo prisma da atualidade, mas ela é transcendente, atemporal. Desafio maior: analisar um aspecto humano que venceu épocas, resistiu à mudanças ideológicas e permaneceu nas entranhas sociais.

Nem mesmo as tradicionais divisões legadas do paradigma iluminista, que separou os mais variados campos do conhecimento, dando origem às ciências modernas, parecem ser, com seu arcabouço teórico específico, suficientes para servir de instrumental analítico da Sedução. Se tal divisão colaborou para a sistematização do *corpus* de cada disciplina e contribuiu para a especialização e o aprofundamento dos seus temas, perdeu, em contrapartida, a visão dos elementos que compõem a sua interface, abrindo mão, portanto, de um panorama integral e holístico.

A sedução é um dos temas que põe em cheque o modelo iluminista. Dissecá-la sob uma metodologia científica tradicional seria violentá-la em um dos seus maiores princípios: o da imanência. É, portanto, inútil adequá-la ou enquadrá-la a partir de padrões e modelos estanques. O próprio trabalho historiográfico, a partir da *Ecole des Annales* (1929), tem redimensionado os limites da ciência e do seu objeto. Nem mesmo o fato histórico, contrariamente ao que defendiam os positivistas, é considerado como evento isolado, caracterizado somente por causas e conseqüências.

É certo que o relativismo desmesurado também não serve de parâmetro analítico. Na verdade, desta forma, nem sequer constitui um parâmetro. Porém, depois da ruptura com o estruturalismo, por vezes marcada pelo radicalismo, o paradigma pós-moderno tem redimensionado suas abordagens conceituais, revisto o risco de perder-se no mar de signos flutuantes, cortados de suas raízes significantes.

Se a ciência é limitadora, é inegável que a sua bagagem colabora na construção deste mosaico que configura a sedução. Mas ela não é suficiente. Há que se lembrar que é dela, ciência, o princípio da incompletude. Seus avanços partem desta premissa básica.

Mas um recorte precisa ser feito. De acordo com a visão de Paul Veyne(1995) acerca da trama histórica, é preciso reconhecer e aceitar alguns aspectos que envolvem o recorte. Ele sempre parte de uma escolha. Mesmo as fontes pesquisadas têm um componente subjetivo. Os apontamentos, observações e conclusões, apesar de fiarem-se em dados ou elementos mais precisos, trazem em si uma parcela indiscutível da formação do pesquisador: sua cultura, seu tempo, seu caráter. Nas ciências exatas, mais refratárias ao assunto, isto vem sendo apontado pela física quântica. Sendo a Sedução do campo das humanidades, tais aspectos são irrefutáveis.

O recorte aqui produzido privilegiou alguns aspectos da sedução em detrimento de outros. Utilizou como base da discussão a visão de Bataille (2004) e de Baudrillard (1991) acerca do tema. É certo que, assim, deixamos de entender muito da sua dinâmica e do seu mecanismo. Pois a Sedução está onde menos imaginamos. Surpreende-nos. Instiga-nos. Provoca-nos. Imaterial, desloca-se no tempo, dribla a moral, adapta-se à cultura. Objeto de desejo do pesquisador, impossibilita o esgotamento do seu tema em uma única produção. Faz um eterno convite à continuidade, ao aprofundamento.

Parece-me legítimo, portanto, caracterizar este trabalho como uma interface entre o metódico e o subjetivo. Entre o documental e a percepção. Entre o saber e o sentir. Aliás, como falar de Sedução senão assim? Pois nenhuma produção que a envolva pode ser imune a ela.

## 2 SEDUÇÃO E EROTISMO

Um destino indelével pesa sobre a sedução. Para a religião, ela foi a estratégia do diabo, quer tenha sido feiticeira ou amorosa. A sedução é sempre a do mal. Ou a do mundo. É o “artifício” do mundo. Essa maldição tem se mantido inalterada através da moral e da filosofia. (BAUDRILLARD, 1991, p. 5)

Compreender, ao menos em parte, o elã da sedução significa buscar a sua unidade. Unidade que se forma em uma dinâmica espiral, ascendente, remodeladora. Mas que preserva um princípio, um germe, um início.

Mergulhar na espiral sedutora é inventariar a própria história humana. Encontrar as primeiras comunidades, os seus desafios e os costumes daí adotados. Analisar conceitos aceitos como verdades pelo senso comum. Muitas vezes revê-los.

Desafio antropológico: olhar um tempo no qual a visão de si e do outro começava a se delinear. O dentro, o fora. O meu, o dele. Universo subjetivo e coletivo. Construção da identidade basilar de toda uma espécie. Ponto de partida para a análise do mecanismo da sedução: sua origem.

### 2.1 O ELÃ DO EROTISMO

Georges Bataille (2004) é uma referência nos estudos do erotismo. Mesclando conhecimento antropológico, história das religiões e análise filosófica, seu trabalho acerca do tema constitui um dos fundamentos teóricos da discussão aqui proposta.

Sedução e erotismo se tocam, completam-se. Partes de um mesmo processo, foram isolados um do outro. Tentativa de diminuí-los. Segregados porque ameaçadores. Sobreviventes porque indispensáveis. Desejados porque libertadores. Ambos fogem a qualquer tentativa de definição. Quando muito, podemos tentar delinear um perfil.

Bataille baseia-se na antropologia e na arqueologia para desvelar o erotismo. Localiza nas primeiras comunidades do Paleolítico Médio – dentre elas a do Neanderthal – a formação de um padrão que vai marcar e constituir um dos pilares mais fundamentais do universo psicológico e comportamental do ser humano.

Como espécie, passamos aí a entendermo-nos como seres individuais, desligados do todo, da natureza e do outro. O que Bataille chama de “seres descontínuos”

Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente em uma aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. Suportamos mal a situação que nos sujeita à individualidade do acaso, à individualidade precíval que somos. (BATAILLE, 2004, p. 25, 26)

Este caráter de descontinuidade vai configurar a própria identidade humana. Somos diversos e únicos. Porém, estamos sempre em busca do cordão da religação – seu grande paradoxo: entre a identidade e a fusão. Há em nós uma memória atemporal que nos move em direção à sensação de plenitude. Numa leitura mais psicanalítica, a volta ao útero, o reencontro com a mãe. Num sentido mais ecológico, a integração com a natureza. Fusão pura.

Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração deste precíval, temos a obsessão por uma continuidade primeira, que nos religa geralmente ao ser. A nostalgia de que falo não tem nada a ver com o “conhecimento” dos dados fundamentais que apresentei. Alguém pode sofrer por não estar no mundo como uma onda perdida na multiplicidade de ondas, que ignora os desdobramentos e as fusões dos seres mais simples. Mas, essa nostalgia comanda entre os homens as três formas de erotismo. (BATAILLE, 2004, p. 26)

As pontes entre o ser e o todo, a descontinuidade e a continuidade fazem parte da trajetória do homem. Integraram sua organização social. Configuraram sua cultura. Mas, apesar das diferentes roupagens adquiridas no decorrer da história, elas, as pontes, não mudaram. São parte integrante deste ser, são-lhe necessárias e vitais. O chamamento, o convite em direção a continuidade é, grosso modo, o próprio erotismo.

Multifacetado, manifesta-se no erotismo dos corpos, no erotismo dos corações e no erotismo sagrado. Neles, sempre o resgate, conforme Bataille (2004, p. 26): “O que está sempre em questão é a substituição do isolamento do ser, a substituição da descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda.”

E a marca de uma extrema violência. Sim, o reencontro com o todo é forte e traumático. O retorno à sensação fusional envolve uma grande mudança de referencial – talvez a maior de todas. Provoca, portanto, medo e, ao mesmo tempo, êxtase. Na visão de Bataille (2004, p. 27): “Essencialmente, o campo do erotismo é o campo da violência, o campo da violação.”

No erotismo dos corpos, a violência está em pleno encontro sexual. Primeiro, a poética do desnudamento - chamada por Bataille de “ação decisiva” A nudez como princípio comunicativo com o outro. Abre-se mão do que é fechado, recluso e oculto.

Dois seres descontínuos que se tateiam e se entregam. Incompletos e complementares, fundem-se, desfazem-se de qualquer tipo de identidade. É o momento do êxtase, do orgasmo (pequena morte). Jogo de corpos que buscam a morte para tocar a totalidade.

Toda a atividade do erotismo tem por fim atingir o ser no mais íntimo, no ponto onde ficamos sem forças. (...) No movimento da dissolução dos seres, o parceiro masculino tem em princípio um papel ativo; a parte feminina é passiva. É, essencialmente, a parte feminina que é “desagregada” como ser constituído. Mas, para um parceiro masculino, a dissolução da parte passiva só tem um sentido: ela prepara uma fusão na qual se misturam dois seres que, no fim, chegam juntos ao mesmo ponto de dissolução. Toda a realização erótica tem por princípio uma destruição do ser fechado que, no estado normal, é um parceiro do jogo. (BATAILLE, 2004, p. 28)

Normalmente ligado à esse encontro de corpos, consistindo na sua busca ou sendo o seu prolongamento, está o erotismo dos corações: a paixão. Sentimento violento que mescla a esperança da felicidade – o encontro, a continuidade – , com a angústia, o sofrimento – advindos da certeza que o sentimento de totalidade é passageiro, efêmero e fugaz. Na ambigüidade da paixão, os amantes vêem no outro uma liberação em direção à continuidade. A promessa de acessar, através do parceiro, a sensação de plenitude.

Este aspecto do erotismo dos corações – a paixão – traz em si o que Bataille chamou de “halo de morte”. O amante é a nossa ponte para abandonarmos a descontinuidade. Sem ele, isso é impossível. Então, a paixão mostra-se violenta, pois, mesmo diante de toda a efemeridade do encontro, temos que possuir o outro. Na sua ausência, não há esperança, promessa, vida. Preferimos a morte. Do outro ou o próprio suicídio.

É, em uma palavra, a continuidade do ser percebida como uma liberação a partir do ser do amante. Há um absurdo, uma horrível mistura nessa aparência, mas através do absurdo, da mistura, do sofrimento, uma verdade milagrosa. No fundo, nada é ilusório na verdade do amor: para o amante – sem dúvida somente para o amante, mas não importa – o ser amado equivale à verdade do ser (BATAILLE, 2004, p. 34, 35)

A morte que permeia o erotismo manifesta-se na perda da identidade no encontro dos corpos e no desejo de possuir o outro no encontro dos corações. Em ambas as situações, a morte é, normalmente, simbólica. No erotismo sagrado (ou divino), a morte ganha um outro enquadre.

Nos rituais religiosos, a morte ocupa um papel central. No seu caráter sacrificial, realiza um desnudamento no sentido mais profundo e radical: o abandono da própria vida. O sacrifício é realizado por alguns, mas seu resultado – a morte de um ser descontínuo – é compartilhado pelo grupo. É o rito que explicita, para a coletividade, a continuidade através da morte sacrificial. Dela, todos são testemunhas. Comungam da experiência mística de presenciar a ruptura da barreira vida/ morte/ continuidade. Algo transcendente os une. É o erotismo sagrado.

O sagrado é justamente a continuidade do ser revelado aos que fixam sua atenção, em um rito solene, sobre a morte de um ser descontínuo. Existe, no fato da morte violenta, ruptura da descontinuidade de um ser: o que subsiste e que, no silêncio que cai, experimentam os espíritos ansiosos, é a “continuidade” do ser a qual a vítima é devolvida. (BATAILLE, 2004, p. 36)

O sacrifício sagrado repousa na idéia de que algo está sendo desfeito para o encontro com a totalidade. A vida da vítima – animal ou humana – ou a quebra de um objeto – no seu aspecto simbólico. Nas religiões pagãs e pré-cristãs, isso era mais visível. No judaísmo, por exemplo, o sacrifício do cordeiro era um dos principais momentos do ritual religioso. Toda a ritualística que o envolvia era rigidamente seguida pelos sacerdotes – estes também cercados por um forte protocolo.

A circuncisão ainda é um importante exemplo dos sacrifícios religiosos. Praticada desde os povos mais primitivos, suas razões originais ainda permanecem obscuras. Apontada por muitos pesquisadores – especialmente psicanalistas – como um ato de castração, seus mecanismos mesclam aspectos sociais, culturais e religiosos. Dependendo das variações do ritual – como idade e sexo (a excisão no caso das meninas) – a prática pode ser vista pelo aspecto mais social ou mais religioso.

Entre os judeus, esse ritual tem um caráter fortemente marcado. Constituindo um dos principais signos da tradição, a prática sela, através da marca corporal, o pacto do povo com Deus.

No oitavo dia, a criança é trazida por seu padrinho diante dos pais. O padrinho é um personagem idoso e instruído. E aqui se introduz uma série de substituições de personagens: o menino é passado ao *sondek*, encarregado de segurá-lo e de apresentá-lo ao operador; este é uma pessoa tecnicamente qualificada para praticar a circuncisão, e se chama *mohél*. Enfim, último elemento da cadeia, uma quarta pessoa, escolhida entre as pessoas veneráveis da assembléia, recebe a honra de sugar a primeira gota de sangue após a circuncisão. Em seguida, a criança é vestida e se procede a uma cerimônia com leitura de textos sagrados. A interpretação de Malev, bastante breve, é

que existe a presença simbólica de três gerações nesta cerimônia (...) Como muitos outros, Malev cita este episódio da Bíblia (Ex. 4:24-26), no qual Moisés, não tendo efetuado a circuncisão de seu filho, é alvo da cólera do Senhor, que quer matá-lo. É a mulher de Moisés que deve efetuar, rapidamente, a circuncisão, e desta forma resgatar Moisés pelo sangue da circuncisão de seu filho. (MEZAN, 1987, p. 60, 61)

Apesar das suas bases judaicas, o cristianismo consolidou uma era do sacrifício simbólico. O cordeiro dos rituais judaicos é o filho de Deus para os cristãos. Morto para salvar a humanidade, seu martírio é lembrado pelos fiéis. Diante da assembléia, inspirado na morte sacrificial de Jesus, é realizado o milagre da transubstanciação – a hóstia torna-se o corpo de Cristo. É o sacrifício sagrado ao redor do qual o ritual católico se organiza.

A circuncisão simbólica também marcou a nova religião. Considerada como um grande empecilho para a conversão ao cristianismo, a prática foi abolida na estruturação da Igreja Católica, sendo substituída pelo batismo – ritual de iniciação que mantém os personagens presentes na circuncisão, porém sem o sacrifício corporal propriamente dito.

Em qualquer das suas esferas, o erotismo está sempre na interface entre a descontinuidade e a continuidade, o ser e o todo. Utiliza como instrumentos os corpos dos amantes, a paixão que os envolve ou a transcendência sacrificial testemunhada ritualisticamente. Tem, portanto, uma relação dual e dialética com estes opostos. Transita na vida. Abre para a morte. Atemoriza pela ruptura que promove. Seduz pela sensação que promete. Sensações inerentes a todo o movimento de entrega. Medo e prazer.

Ela foi reencontrada.  
O quê? A eternidade.  
É o mar que estrada  
junto com o sol, unidade.  
(RIMBAUD)

## 2.2 O CAMPO ERÓTICO

O abandono da descontinuidade é, na visão de Bataille, um processo comum a todo o ser humano. Porém, há especificidades interessantes na sua construção. Apesar de buscar incessantemente fora um objeto do desejo, o erotismo é um aspecto interior

do homem. É, portanto, carregado de sua subjetividade e de toda a bagagem cultural que a construiu. Nesse ponto, encontra-se uma das suas teses primordiais. A sensação de desligamento do todo é característica das comunidades humanas a partir do Paleolítico Médio, diferenciando a nossa espécie dos outros animais. O erotismo é uma das marcas desta passagem, pois é através dele que buscamos romper com a descontinuidade. Então, o erotismo é, na essência, um traço puramente humano, desnecessário e inexistente no animal. É nosso diferencial.

As relações de gênese desta diferenciação formam a base do trabalho aqui proposto. A identificação com clareza dos seus mecanismos resulta no entendimento do erotismo como uma necessidade humana, tendo a sedução como sua grande estratégia. O erotismo é a ponte, a sedução, a artimanha que desafia à travessia.

Diferenciando-se dos animais, as comunidades humanas começaram a formar padrões de conduta que vão constituir a base da teia social. Apesar dos poucos conhecimentos de que dispomos acerca do período, sabe-se que tais comunidades tiveram no desenvolvimento de ferramentas e de objetos utilitários o seu marco de distinção.

Parece pertinente afirmar que a criação e o aperfeiçoamento desses instrumentos foram necessários para garantir a sobrevivência da comunidade. Posteriormente, seu constante aprimoramento serviu para garantir a produção de excedentes e supérfluos. Assim, grande parte da vida comunitária passa a ter no trabalho o seu centro gerador. Hábitos, ritmos e condutas são criados a fim de garantir seu funcionamento. Paralelamente, foram adotadas restrições às atitudes e costumes que colocassem em risco essa organização. São as chamadas “interdições”. Em síntese, o homem, sentido-se desligado da natureza, do todo, diferencia-se do animal pelo trabalho e, a partir daí, formata suas regras de convívio social.

As proibições são, segundo Bataille, essenciais para o entendimento do mecanismo do erotismo. Elas são pilares da sociedade do trabalho. Afastam o homem daquilo que ele chama de “violência”, ou seja, os costumes mais instintivos, aspectos ligados ao seu caráter mais animal e natural. Estes impulsos trariam uma satisfação imediata ao homem, enquanto o trabalho atua como uma satisfação a médio ou longo prazo. Ainda a considerar: o que promove a satisfação imediata dá-se no campo individual, contrariamente ao trabalho, atividade da coletividade destinada ao conjunto social.

Desde os tempos mais remotos, o trabalho introduziu a trégua, a favor da qual o homem deixava de responder ao impulso imediato que a violência do desejo determinava. Sem dúvida, é sempre arbitrário opor o desprendimento, que está na base do trabalho, aos movimentos tumultuados cuja necessidade não é constante. (BATAILLE, 2004, p. 63)

O mundo do trabalho exclui a “violência”, pois ela tira o caráter racional e funcional da sua organização. Portanto, não por acaso, a morte e a sexualidade – que resgatariam uma certa “animalidade” – são apontados como os dois principais campos da interdição. É através deles que o ser tem a possibilidade de atingir uma parcela da continuidade tão temível e desejada. Suas interdições são os tabus que nasceram à partir da sociedade do trabalho e permanecem até a atualidade.

Uma vez que o trabalho, pelo que parece, logicamente, engendrou a reação que determina a atitude diante da morte, seria legítimo pensar que a interdição que regulava e limitava a sexualidade foi também consequência dele, e que o conjunto de condutas “humanas” fundamentais – trabalho, consciência da morte e sexualidade reprimida – remontam ao mesmo período. (BATAILLE, 2004, p. 47)

A psicanálise foi uma das primeiras disciplinas a se debruçar sobre a questão das interdições. Na busca de suas origens e de suas consequências, a pesquisa psicanalítica dissecou o processo de disseminação das interdições através da educação. A partir daí, identificou o deslocamento da energia direcionada à sexualidade (pulsão) para outras áreas, como a do trabalho (sublimação).

Considera-se a sublimação como adaptação lógica e ativa das pulsões do Id, que, harmonizadas com o Superego, se satisfazem tanto em proveito do aparelho psíquico quanto das normas que regem o contexto social.

O processo de sublimação implica um grau de abandono do objetivo original da pulsão e, portanto, abandonam-se as relações estreitas que a pulsão tinha com a sexualidade. A pulsão, por um processo complicado de transformações, escolhe uma nova finalidade, conciliando, sob o comando do Princípio da Realidade, as exigências do Superego com as do Id. (KUSNETZOFF, 1982, p. 217)

A interdição de morte é a primeira a se formar. Dela, os achados arqueológicos permitem mais segurança em relação a dados precisos: datas, locais. Os primeiros registros que se tem da construção de ferramentas datam do Paleolítico Inferior. Já os achados relacionados ao hábito de enterrar os mortos são do Paleolítico Superior.

Desenvolvemos uma sociedade do trabalho e, posteriormente, passamos a enterrar os nossos mortos.

Mas por que a morte passou a ser um incômodo na vida comunitária, levando o grupo a praticar o sepultamento? A morte é a “violência” maior, sua principal representação. A morte cotidiana, próxima, desligada daquele conceito sacrificial presente no erotismo religioso. E o cadáver é seu principal anunciador: lembra-nos de que este é o nosso inexorável destino, contra o qual nenhuma ordem racionalmente constituída pode lutar. Nem mesmo a do trabalho.

Para cada um dos que ele fascina, o cadáver é a imagem de seu destino. Ele testemunha a violência que não destrói um homem, mas que destruirá todos os homens. A “interdição” que toma conta dos outros diante da visão do cadáver é o recuo pelo qual “eles rejeitam a violência”, pelo qual eles se separam da “violência”. (BATAILLE, 2004, p. 69)

O sepultamento isola e enterra a ameaça que a morte introduz no mundo racional. Restabelece a antiga ordem. A interdição cumpre o papel de afastar a “violência” e manter o sistema. Devemos fugir da morte de todas as formas, inclusive evitando matar – “Não matarás” – , pois assim nos manteremos longe daquela que é a grande “violência”.

A interdição sexual é mais difícil de ser localizada em termos históricos. Ao contrário da interdição de morte, não há vestígios materiais que a sinalizem em períodos tão antigos. Mas sua constatação é feita através das análises antropológicas das comunidades primitivas.

Dentro da perspectiva da sociedade do trabalho, a atividade sexual surge como satisfação individual e imediata, oposta ao mundo coordenado do sistema do labor. Contudo, ainda sob este prisma, ela contém em si um paradoxo interessante e perverso. Pode ameaçar a ordem, mas é necessária à sua manutenção. É da atividade sexual que a reprodução humana advém, sendo, portanto, imprescindível na manutenção de tal ordem e da própria espécie. Isso explica a tônica da interdição sexual: a repressão ao invés da proibição. O controle e não a exclusão.

A esse respeito, é importante destacar as análises feitas pelas disciplinas que se ocuparam do tema. Usando como base os princípios freudianos de pulsão e de castração, Reich pesquisou os mecanismos da repressão sexual presentes nas sociedades patriarcais – organizadas em função do trabalho. Para além dos trabalhos de Freud,

constatou um fenômeno que abriria o foco da psicanálise tradicional da mente para o corpo e que se tornaria um dos pilares da sua teoria: o encouraçamento.

A couraça pode ser dividida em duas partes: as contrações musculares temporárias ou naturais, e as contrações musculares permanentes ou crônicas. As primeiras manifestam-se em qualquer animal vivo quando ameaçado, mas são deixadas de lado quando a ameaça desaparece. As outras são oriundas da mesma fonte, mas frente à continuidade de ameaças ficam sempre ativas, tornando-se crônicas e chegando a reagir a perigos permanentes internos e não mais externos. (BAKER, 1980, p. 54)

O segundo tipo de couraça descrito por Baker (1980) é aquele formado diante das repressões, estas originárias das interdições. Através da educação padronizada pela cultura, a repressão externa é interiorizada, gerando um bloqueio crônico. O encouraçamento evita o fluir natural da energia humana, impedindo uma vida mais próxima da “animalidade” de Bataille (2004).

Dentro da seqüência de eventos que leva à couraça, o ponto crucial a ser retido, aprisionado, parece ser o terror de se render à convulsão orgástica, na qual o homem se funde por completo com a natureza. O primeiro orgasmo sempre assusta porque é acompanhado de uma perda de controle. (BAKER, 1980, p. 55)

O ser encouraçado mantém-se na descontinuidade. Seus bloqueios impedem que a energia flua pelo seu corpo de maneira harmônica. Ele respira mal, perde o contato com o seu corpo, retém inúmeras emoções e evita a entrega. A sexualidade, entendida como o encontro com o outro, fica comprometida.

Seja qual tenha sido a sua origem, a couraça impede a entrega total orgástica, de modo que o organismo nunca vivencia uma satisfação total, ficando constantemente em sua busca. Frente à ausência de entrega orgástica, fica perdida “a integração com o cosmos”; não sentimos mais o contato com a natureza, formando então o “anelo cósmico”. (BAKER, 1980, p. 60)

Seres encouraçados reproduzem seu modelo. É a educação familiar configurando a cultura social. Nessa configuração, as repressões assumem um importante instrumento de manutenção da interdição. Circulo vicioso.

O processo de encouraçamento é automantenedor porque pais encouraçados criam filhos com couraça. A causa presente da couraça é a necessidade da criança de aceitar atitudes e condições de educação totalmente antinaturais,

determinadas por pais e outros adultos. A couraça surge em grande parte pela contração, dos músculos especialmente, mas também pela contração dos tecidos do corpo, até certo ponto. Deste modo, a criança consegue reter seus desejos e conformar-se. (BAKER, 1980, p.61)

Assim como na interdição de morte, a interdição sexual tem um fundamento determinado e constante, já suas condições menores – detalhes e especificidades – variam com o tempo e o local. Por limitação do recorte proposto, este não será nosso foco de análise.

É a totalidade das interdições religiosas de todos os tempos sob todos os climas que está na hora de observar. (...) esta interdição “informe e universal” é sempre a mesma. Como sua forma, seu objeto muda: que a sexualidade e a morte estejam em questão, é sempre a violência que está na mira, a violência que apavora, mas que fascina. (BATAILLE, 2004, p. 79)

A interdição, quer seja ela do campo da morte ou do campo sexual, é uma estratégia para afastar a “violência” que aproxima o homem da animalidade. Garante, por assim dizer, uma harmonia na sociedade do trabalho. Porém, ela não elimina o desejo humano de vivenciar as experiências mais naturais e primitivas. O homem é constantemente chamado à sua face mais primordial. E cede. Apesar da lei cultural que o reprime, muitas vezes rompe a barreira da interdição e se entrega à “violência”. Aqui, encontramos um outro conceito chave dentro da dinâmica do erotismo: a “transgressão”.

A interdição, fundada pelo pavor, não nos propõe apenas obedecê-la. A contrapartida nunca falta. Derrubar uma barreira é em si algo sedutor; ato proibido ganha um sentido que não possuía, antes que um terror, ao nos afastar dele, o revestisse com um halo de glória. “Nada”, escreve Sade, “detém a libertinagem... a verdadeira maneira de ampliar e multiplicar os desejos é tentar impor-lhes limites”. Nada detém a libertinagem... Ou melhor, geralmente, não existe nada que reduza a violência. (BATAILLE, 2004, p. 75)

Na verdade, os homens jamais puseram um não definitivo à “violência”. Ao contrário, apenas se fecharam à natureza em um momento de fraqueza. A transgressão faz, portanto, parte do jogo erótico, é o complemento da interdição. Numa relação paradoxal, há a proibição e o convite ao descumprimento – e uma certa tolerância social à quebra da lei.

Apesar de ser necessário, o rompimento do tabu não se dá de maneira tranqüila. Frequentemente, vem carregado de culpa e de uma sensação de angústia. Dá prazer, mas

não libera o ser da impressão de ter infringido a norma. Descarrega a energia instintiva do homem para que, depois, ele retorne ao mundo ordenado do trabalho.

Se obedecemos a interdição, se estamos a ela submetidos, dela não temos mais consciência. Mas experimentamos, no momento da transgressão, a angústia sem a qual a interdição não existiria: é a experiência do pecado. A experiência leva à transgressão finalizada, à transgressão bem-sucedida que, ao manter a interdição, mantém-na para “gozar dela. A experiência interior do erotismo solicita daquele que a prova uma sensibilidade à angústia fundadora da interdição tão grande quanto o desejo que o leva à enfrentá-la.” (BATAILLE, 2004, p. 59)

Dentro desta perspectiva, podemos entender a transgressão como uma válvula de escape da espécie que se distanciou da animalidade, ordenou um mundo baseado no trabalho e organizado pela razão, mas não perdeu sua raiz natural – tanto que teve que criar as interdições para limitá-la. Ultrapassar tais limites é a experiência que conduz ao seu reconhecimento: quando transgrido, tenho, pela angústia que sinto, consciência da interdição. Mas necessito transgredir.

Entretanto, é importante entender que o jogo dialético interdição/transgressão constitui duas faces de um mesmo componente cultural. A interdição limita, a transgressão “regula” a transposição do limite – não é a liberação total.

Se a transgressão propriamente dita, opondo-se à ignorância da interdição, não tivesse esse caráter limitado, ela seria o retorno à violência – à animalidade da violência. De fato, isso não é verdade. A transgressão organizada forma juntamente com a interdição que a define a vida social. A frequência – e a regularidade – das transgressões não enfraquece a firmeza intangível da interdição, da qual ela é sempre o complemento esperado – como um movimento de diástole completa o da sístole, ou como uma explosão é causada por uma compressão que a precede. (BATAILLE, 2004, p. 100)

Esse aspecto limitador – presente em ambas as faces – está intimamente ligado ao fato do homem estar alicerçado na racionalidade. Foi a ordem da razão que criou o limite e autorizou certas formas de ultrapassá-lo.

Freqüentemente, a transgressão da interdição não está menos sujeita a regras que a interdição. Não se trata de liberdade: “em tal momento e até aqui, isto é possível” é o sentido da transgressão. Mas uma primeira licença limitada pode desencadear o impulso ilimitado à violência: as barreiras não são somente suspensas, e, no momento da transgressão, pode ser mesmo necessário afirmar a solidez delas. O cuidado com uma regra é, às vezes, maior na transgressão, pois é muito mais difícil limitar um tumulto depois de desencadeado (BATAILLE, 2004, p. 101)

Assim, a própria transgressão é autorizada. Bataille aponta duas principais transgressões aceitas às maiores interdições: a morte e a sexualidade. No primeiro caso, a interdição, como já exposto, proíbe a morte provocada – “Não matarás”. Mas permite algumas exceções: em caso de guerra ou quando o corpo social determinou. Com relação a sexualidade, a interdição refere-se a alguns casos, como o tabu do incesto. Nesse campo sexual, a transgressão é aceita através do casamento. “O casamento é, antes de tudo, o quadro da sexualidade lícita” (Bataille, 2004, p. 171)

Com a relação entre interdição e transgressão estabelecida, chegamos a um ponto chave da dinâmica do erotismo e de sua abordagem psicanalítica: a tríade interdição/ transgressão/ culpa. Dela, a religião é difusora. É das leis religiosas, de sua moral, que saem as restrições à morte e à sexualidade, bem como a suspensão de tais normas. A morte é permitida através dos rituais de sacrifício. A sexualidade é autorizada no casamento. Sempre com o aval religioso, que deixa claro que, mesmo com as transgressões consentidas, esses são campos interditados, do domínio da “violência”. Portanto, acessá-los implica em violar a regra e sentir culpa.

O erotismo está no cerne do jogo da interdição/ transgressão. A morte e a sexualidade abrem um caminho em direção à continuidade primeira, permitem-nos vislumbrá-la ou tangê-la. Esse é o campo erótico: o que liga a nossa descontinuidade à continuidade. Por isso interditado. Por isso transgredido. Por isso sedutor, atraente e recoberto de artimanhas. Do erotismo na morte, fala Bataille:

A continuidade divina está ligada à transgressão da lei que funda a ordem dos seres descontínuos. Os seres descontínuos que são os homens que se esforçam para preservar na descontinuidade. Mas a morte, ao menos a contemplação da morte, devolve-os à experiência de continuidade. (BATAILLE, 2004, p. 129)

Ainda sobre o tema:

O que, do meu ponto de vista, imprime o caráter das passagens da descontinuidade “para” a continuidade no erotismo diz respeito ao conhecimento de morte que, desde o início, liga no espírito do homem a ruptura da descontinuidade – e o deslocamento que se segue em direção a uma continuidade possível – à morte. (BATAILLE, 2004, p. 162, 163)

O “conhecimento de morte” é o próprio erotismo. A consciência de que o acesso à totalidade é possível, e a busca de maneiras para encontrá-la consiste no jogo erótico. Quer seja através das transgressões consentidas pela sociedade do trabalho, através do

aval religioso, ou pelas formas não autorizadas pela cultura – analisadas mais à frente nesta pesquisa. O fato é que a continuidade fascina, chama e seduz.

Acerca do erotismo na sexualidade:

Mas, em todos os lugares, - e sem dúvida desde os tempos mais antigos – nossa atividade sexual é restringida ao segredo, em todos os lugares, mesmo que em graus variados, ela aparece contrária à nossa dignidade. De tal maneira que a essência do erotismo é dada na associação inextricável do prazer sexual com a interdição. (BATAILLE, 2004, p. 168)

O erotismo é, portanto, também o prazer. Prazer do reencontro com uma unidade perdida em tempos imemoriais, mas ainda possível, mesmo que de forma momentânea e aos bocados. Prazer erótico que se opõe ao mundo organizado na individualidade, onde o outro normalmente representa a confirmação de que somos seres desligados de um fio comum – entre nós e o todo. O encontro sexual quebra esse isolamento, impele o ser para fora de si, empurra-o para o encontro do outro, provocando um abalo na sua descontinuidade e enchendo-lhe de prazer.

A violência de um propõe a violência do *outro*: de cada lado, trata-se de um movimento interno que obriga o ser a estar “fora de si” (fora da descontinuidade individual). Acontece o encontro entre dois seres: nesse encontro, a pletora sexual os projeta para fora de si – a mulher lentamente, o homem, às vezes, de maneira fulminante. No momento da união o casal animal não é formado por seres descontínuos que se aproximam, unindo-se por uma corrente de continuidade momentânea: propriamente falando, não existe união, dois indivíduos sob o império da violência, associados por reflexos ordenados da conexão sexual, compartilham um estado de crise em que tanto um quanto o outro estão fora de si. Os dois seres estão ao mesmo tempo abertos à continuidade. Mas nada dela subsiste nas consciências vagas: depois da crise, a descontinuidade de cada um dos seres fica intacta. É a crise ao mesmo tempo a mais intensa e a mais insignificante. (BATAILLE, 2004, p. 161, 162)

Vivemos sob a promessa erótica do encontro com a continuidade. Tudo o que nos traz uma possibilidade de acessá-la nos toca e nos seduz. Mesmo imersos no mundo do capitalismo, regido pelo apego ao trabalho e ao consumo, é a promessa erótica que nos mobiliza. Então, vivemos sob o signo do erotismo. Atividade humana organizada e pensada, visa ir além dos limites da interdição, fazendo uso de todas os artifícios. Aqui, erotismo e sedução se encontram, complementam-se para suprimir ou driblar as barreiras que impedem a fusão. Colocam em risco a ordem do trabalho, da razão e de da religião.

Diante do exposto, novamente a citação de Baudrillard:

Um destino indelével pesa sobre a sedução. Para a religião, ela foi a estratégia do diabo, quer tenha sido feiticeira ou amorosa. A sedução é sempre a do mal. Ou a do mundo. É o “artifício” do mundo. Essa maldição tem se mantido inalterada através da moral e da filosofia. (BAUDRILLARD, 1991, p. 5)

Como já foi dito, erotismo e sedução são traços de uma espécie que se afastou dos seus aspectos mais primitivos. Mas são a comprovação de que o homem apenas se afastou deles. Não os eliminou. Durante milênios, a violência da animalidade foi atacada e rejeitada pela sociedade do trabalho. Mas o ser jamais perdeu a atração erótica por ela. Estratégias foram modificadas, normas religiosas adaptadas. Mas o homem tem uma memória ancestral do prazer erótico da fusão. E dela não abre mão. Por isso, a cada tempo, aperfeiçoa as transgressões, entrega-se à sedução de novos signos e reinventa o erotismo. Temida e irresistível é a morte. Pecaminosa e prazerosa é a sexualidade. Ambas interditas. Ambas transgredidas. Ambas humanas.

A sexualidade e a morte não são nada além de movimentos agudos de uma festa que a natureza celebra com a inesgotável multidão de seres, ambas tendo o sentido de desperdício ilimitado ao qual a natureza vai ao encontro do desejo de durar, que é próprio de cada ser. (BATAILLE, 2004, p. 95)

### 3 SEDUÇÃO E PODER

Todo o poder masculino é poder de produzir. Tudo aquilo que se produz, seja a mulher produzindo-se como mulher, recai no registro do poder masculino. O único e irresistível poder da feminilidade é aquele, inverso, da sedução. Ele não é propriamente nada, não tem propriamente nada além de anular a produção. Anula-a sempre, porém. (BAUDRILLARD, 1991, p. 20, 21)

A sociedade do trabalho, descrita e analisada por Bataille (2004), tem seu fundamento no campo da razão. A racionalidade criou a disciplina e a ordem comuns ao seu funcionamento, afastando assim, pelo mesmo mecanismo, a ameaça do retorno à “violência” da continuidade.

Cotejando esta visão com a de Baudrillard (1991) acerca da sedução, podemos inferir que o mundo constituído em torno do trabalho, através da razão, é o mundo da lei, do esquema, do esperado. Onde tudo tenta obedecer a uma norma e a um padrão de conduta habitual. Mesmo as eventualidades são previamente pensadas. Este mundo é o do universo masculino, que se tenta definido e definitivo. Apoia-se em tudo que pode normatizar e conter o corpo social. É da ordem da estrutura – mais especificamente, da infra-estrutura. É essencialmente conservador e reacionário.

Paralela e simultânea ao mundo masculino, há a existência e resistência da imprevisibilidade, do acaso. Seu grande referencial é o princípio da incerteza. Prima pelo dinamismo, pelo constante movimento. É o desafio à verdade, ao determinismo do que se acredita absoluto, pronto e acabado. Este é domínio do feminino. Universo que desconhece o conceito de limite porque não limita. Não tem sua existência fundada em parâmetros ou calculada sobre uma visão exata.

Desse jogo dialético, fala Baudrillard, analisando o aspecto masculino:

Nesse sentido, o masculino sempre foi apenas residual, uma formação secundária e frágil que é preciso defender à força de supressões, de instituições e de artifícios. A fortaleza fálica de fato apresenta todos os signos da fortaleza, ou seja, da fraqueza. Vive apenas das muralhas de uma sexualidade manifesta, de uma finalidade do sexo que se esgota na reprodução ou no gozo. (BAUDRILLARD, 1991, p. 21)

A visão do autor abre para importantes intercessões com a discussão iniciada no primeiro capítulo deste trabalho. O masculino, por trás de sua aparente força - representada pela rigidez na qual estruturou suas instituições -, esconde uma grande vulnerabilidade (esta é, aliás, a causa de tamanho rigor institucional). Para combater sua

fraqueza, criou todo um padrão normativo, as “interdições” ou “muralhas”, visíveis e identificáveis através da “transgressões” socialmente aceitas: “uma sexualidade manifesta, uma finalidade do sexo que se esgota na reprodução ou no gozo.”

A interdição não significa forçosamente a abstenção, mas a prática à maneira da transgressão. (...) A interdição não pode suprimir as atividades de que a vida necessita, mas ela pode lhes dar o sentido da transgressão religiosa. Ela as submete a limites, ela regula suas formas. Ela pode impor uma expiação à quem se torna “culpado” de transgredir. (BATAILLE, 2004, p.115)

O mundo masculino da lei foi criado para afastar a ameaça da “violência” apontada por Bataille. Porém, como já foi aqui analisado, a animalidade é irrevogável das nossas vidas. É a sua resistência dentro da teia social que podemos identificar como o feminino.

O princípio feminino difere do masculino. Porém, não na visão dialética tradicional que temos de opostos. Se assim fosse, ele se igualaria ao masculino – constituindo também uma lei. A diferença se dá em termos totais, especialmente porque o feminino, livre de qualquer controle ou regra, não contém sequer uma infra-estrutura. Acerca deste seu aspecto:

Não é exatamente o feminino como superfície que se opõe ao masculino como profundidade; é o feminino como indistinção da superfície e da profundidade. Ou como indiferença entre o autêntico e o artificial. O que dizia Joan Rivière em “La feminité comme mascarade” (*La psychanalyse* n° 7), proposição fundamental – e que contém em si toda a sedução: “Seja autêntica ou superficial, a feminilidade é fundamentalmente a mesma coisa” Isso só pode ser dito do feminino. O masculino conhece uma discriminação segura e um absoluto critério de veracidade. O masculino é certo, o feminino é insolúvel. (BAUDRILLARD, 1995, p. 16)

Aparentemente frágil e controlado, o feminino é dinâmico e insolúvel, dispondo de uma força que o masculino não pode atingir – simplesmente pelo fato de que o próprio conceito de força é, entre eles, distinto.

Pode-se aventar a hipótese de que o feminino é o único sexo e que o masculino só existe por um esforço sobre-humano para dele sair. Um instante de distração e se racai no feminino. (BAUDRILLARD, 1991, p. 20, 21)

Não há uma visão de superioridade. Se assim fosse, o feminino ambicionaria ocupar o lugar do masculino, erigir uma nova ordem, um novo modelo. O universo do

feminino perpassa o campo masculino, como no processo de refração óptica. Indiferente à barreira física que constitui o vidro, a luz o atravessa. Como a “violência” que supera as regras do jogo interdição/ transgressão.

O feminino não é somente sedução, é também desafio ao masculino de ser o sexo, de assumir o monopólio do sexo e do gozo, desafio de ir até o fim de sua hegemonia e de exercê-la até a morte. É sob a pressão desse desafio, incessante ao longo de toda a história sexual da nossa cultura, que a falocracia hoje se esboroa, à falta de poder restabelecê-lo. É possível que toda a nossa concepção de sexualidade se esboroe ao mesmo tempo, visto que foi erigida em torno da função fálica e da definição positiva do sexo. Toda a forma “positiva” acomoda-se muito bem a sua forma “negativa” mas conhece o desafio mortal da forma “reversível”. Toda a estrutura acomoda-se à inversão ou à subversão mas não à reversão de seus termos. Essa forma reversível é a sedução. (BAUDRILLARD, 1991, p. 28)

A sedução transita no campo do feminino. Como este, ela não está sujeita à normalidade do mundo racional. Incerta, imprecisa, surpreendente. Mutante, é do reino das aparências. Simbólica, reveste-se de signos. Segregada, retorna sempre, metamorfoseada. No mundo masculino do poder, tem sua força na forma, sempre imprevisível. Escapa à dialética do positivo/ negativo, inversão/ subversão. Não tem compromisso com uma única verdade. Quântica, pode estar em tudo: no início “e” no fim. Sem os pudores da coerência racional, pode retornar sempre: ao princípio “e” ao fim. Completamente reversível.

Novamente as palavras de Baudrillard citadas logo acima: “O feminino não é somente sedução, é também desafio ao masculino de ser o sexo, de assumir o monopólio do sexo e do gozo, desafio de ir até o fim de sua hegemonia e de exercê-la até a morte”. O feminino, com sua característica de ilimitado, pretende ir além das transgressões consentidas pelo mundo masculino. Procura o rompimento de todo o paradigma cultural ligado, entre outros aspectos, ao sexo. Joga com os padrões falocráticos para burlar suas normas e chegar aonde o poder masculino tenta controlar a dosagem: a continuidade, “a morte”.

A sedução é feminina por não se ater a leis. Gravita nesta relação entre o masculino – com suas instituições e morais estabelecidas – e o feminino – com suas infinitas possibilidades. É ali, no jogo entre eles, que a sedução se faz.

Ela não está no sexo em si, mas no ritual que envolve o encontro. Não está na morte em si, mas nos signos que recobrem seu momento. Assim, sedução e erotismo se encontram, compondo o cenário da vida humana. A sociedade do trabalho distanciou-

nos da “violência” – com as interdições e transgressões –, porém não eliminou a animalidade inerente ao homem – ela é tangida com a morte e com a sexualidade. Há, portanto, o constante encontro de dois mundos: o masculino, - do trabalho, da lei, da razão; e o feminino, - da “violência”, do acaso, da aparência. O ponto de encontro entre esses dois mundos é o campo erótico. O jogo estabelecido entre eles é regido pela sedução – repleta de signos, artimanhas e estratégias, cujo principal objetivo está na sobrevivência do jogo, do ritual.

A sedução não deseja a vitória de qualquer dos lados. A vitória implicaria no término do jogo. O mecanismo da sedução é o do jogo sem fim. Por isso, ela transmuta-se e reverte-se sempre: para prolongar o jogo, torná-lo infindável. Quando o mundo da lei reconhece suas estratégias, ela modifica seus signos, desloca-se e retoma o ritual. Esse é o seu poder: o de ser imortal por ser indefinida. O de ser invencível por não desejar a vitória.

No fundo, o poder não existe; nunca existe uma unilateralidade de uma relação de forças sobre a qual instaurar-se-ia uma “estrutura” de poder, uma “realidade” do poder e de seu perpétuo movimento. Esse é o sonho do poder tal qual nos é imposto pela razão. Mas nada se quer assim, tudo busca sua própria morte, inclusive o poder. Ou melhor, tudo quer trocar-se, reverter-se e se eliminar num ciclo (...). Só isso seduz profundamente. O poder só é sedutor quando se faz uma espécie de desafio de si mesmo; se não, é apenas um exercício e satisfaz apenas a uma lógica hegemônica da razão. (BAUDRILLARD, 1991, p. 56)

O poder da sedução nada tem do poder da razão. Por isso ele prevalece. O poder da razão se baseia na construção de estruturas, criadas para serem sólidas, resistir aos abalos. O poder da sedução advém de um caráter contrário: a constante comunicação com a morte, ou seja, o desapego à forma, a inovação.

### **3.1 SEDUÇÃO E PRODUÇÃO**

Fantástica redução da sedução. A sexualidade tal como em si mesma é transformada pela revolução do desejo, esse modo de produção e de circulação dos corpos, só se tornou justamente o que é, só pôde falar de si em termo de “relações sexuais” esquecendo qualquer forma de sedução – do mesmo modo que o social só pode falar de si em termos de “relações” ou de “relações sociais” – quando perdeu qualquer substância simbólica. (BAUDRILLARD, 1991, p. 48, 49)

A sociedade do trabalho, o mundo masculino, organizou-se para, ao manter afastada a “violência”, direcionar a maior parte da energia humana à produção. O capitalismo, especialmente após as revoluções burguesas do século XVIII, consolidou esse objetivo, uma vez que o mundo da produção entrava na era da industrialização: a produção ganha agilidade, passa a ser em série, reorganiza e torna necessário o reajustamento de todas as superestruturas. Numa visão marxista, a transformação econômica exige a adaptação política, social e cultural da sociedade.

É o nascimento de uma sociedade urbanizada, aglutinada em grandes centros, marcada pelo incentivo ao trabalho e ao consumo – essencial à manutenção do ciclo produtivo. Não por acaso, vemos surgir nesse contexto histórico filosofias e religiões que pregam a aproximação com Deus através do trabalho – como o puritanismo.

A conjuntura formada pelo capitalismo industrial exigiu que o mundo racional - que alicerçou - adaptasse as interdições e as transgressões reguladoras do seu funcionamento. A morte e a sexualidade continuavam sendo uma ameaça básica aos seus mecanismos.

É fato que, a cada “evolução” do sistema do labor, a reorganização se fazia necessária. A inovação do mundo moderno consiste na maneira como essa reorganização foi realizada. Ao invés de esconder ou ocultar a ameaça representada pela sexualidade, a modernidade contemporânea – como é chamada por Baudrillard (1991) a pós-modernidade –, adotou uma outra estratégia: reduzir a sexualidade ao sexo e exibi-lo à exaustão. Expô-lo, diminuí-lo e banalizá-lo. Sempre com o objetivo de enfraquecê-lo.

Usou para isso todo o aparato capitalista. A propaganda e a mídia passaram a ter no sexo seu objeto de venda. Ele tornou-se consumível na era moderna. Bela tentativa da sociedade do trabalho: afastar a sexualidade através da sua redução, vender o sexo como um produto e produzir uma ilusão de liberdade.

Sabendo que sempre e em toda a parte a produção procura exterminar a sedução para implantar-se sobre a economia única das relações de forças e que em toda a parte o sexo e a produção do sexo procuram exterminar a sedução para implantarem-se sobre a economia única das relações de desejo. (BAUDRILLARD, 1991, p. 58)

A super exposição nada mais é do que um esforço para afastar os signos sedutores. A constante exibição dos corpos, os discursos obscenos, a pornografia

estampada e acessível – o sexo passa a entrar gradativamente na ordem do dia na ao longo da modernidade, para se tornar o centro da cena dos tempos pós-modernos. Diante desse novo padrão, tem-se a impressão de uma revolução sexual, com a liberação dos desejos e a conquista de direitos. A ascensão da mulher ao mercado de trabalho, a difusão dos métodos anticoncepcionais, o movimento hippie e o sexo livre, tudo contribui para acreditarmos que vencemos grande parte das interdições e que caminhamos mais facilmente em direção à continuidade.

Pura ilusão. Desconhecimento absoluto das estratégias e da readaptação das interdições. Dificuldade comum é a de analisar com certa clareza o seu próprio tempo. O sexo *super star* da pós-modernidade está longe de representar uma ponte para a continuidade. Este é o sexo da produção. Nada tem de erótico, de sedutor e de ameaçador.

Analisemos alguns aspectos da super exposição do sexo. Sobre o “pornô”, aponta Baudrillard:

Inútil procurar quais fantasmas acompanham o pornô (fetichistas, pervertidos, cena primitiva etc), pois eles são barrados pelo acréscimo de “realidade”. Aliás talvez o pornô não seja mais que uma alegoria, isto é, um forçamento de signos, um empreendimento barroco de sobre-significação beirando o grotesco (literalmente, a arte “grotesca” dos jardins exagerava a natureza rochosa, assim como o pornô exagera o grotesco dos detalhes anatômicos). A própria obscenidade queima e consome seu objeto. Visto de muito perto, vê-se o que nunca se viu – o teu sexo, nunca o vistes funcionando nem de perto, nem tampouco de outro lugar, felizmente para ti. Tudo isso é verdadeiro demais, próximo demais para ser verdade. (BAUDRILLARD, 1991, p. 36)

Ainda sobre o tema:

Pelo efeito do *zoom* anatômico a dimensão do real é abolida, a distância do olhar dá lugar a uma representação instantânea e exacerbada: a do sexo em estado puro, despojado não apenas de qualquer sedução mas da própria virtualidade de sua imagem – sexo tão próximo, que se confunde com sua própria representação; fim do espaço perspectivo e imaginário e do fantasmático – fim da cena, da ilusão. (BAUDRILLARD, 1991, p. 37)

O pornô constitui um dos exemplos marcantes da redução da sexualidade ao sexo. Seu fundamento localiza-se na fragmentação dos corpos. O *zoom*, apontado por Baudrillard, é sempre sobre os genitais - como se não houvesse corpos inteiros, apenas órgãos independentes, isolados e autônomos. Como se o encontro sexual se desse somente entre esses órgãos, não envolvendo dois seres repletos de individualidades que buscam se complementar.

Analisando a fotografia e seus processos semióticos, Barthes (1984) chama esse tipo de abordagem de “fotografia unária”. Nela, nenhum signo que provoque abalo ou comoção. Nenhuma surpresa. Nada de indeterminado. Nada de sedutor.

A fotografia é unária quando transforma enfaticamente a realidade, sem duplicá-la, sem fazê-la vacilar (a ênfase é uma força de coesão): nenhum duelo, nenhum indireto, nenhum distúrbio. A fotografia unária tem tudo para ser banal, na medida em que a “unidade” da composição é a primeira regra da retórica vulgar (e especialmente escolar). (BARTHES, 1984, p. 66)

Uma outra foto unária é a foto pornográfica (não digo a erótica: a erótica é um pornográfico desviado, fissurado). Nada de mais homogêneo do que uma fotografia pornográfica. É sempre uma foto ingênua, sem intenção e sem cálculo. Como uma vitrine que mostrasse, iluminada, apenas uma única jóia, ela é inteiramente constituída pela apresentação de uma única coisa, o sexo: jamais objeto segundo, intempestivo, que venha ocultar pela metade, retardar ou distrair. (BARTHES, 1984, p. 67)

O pornô nada tem do erotismo e da sedução. É completamente diverso do encontro erótico dos corpos descrito por Bataille (2004). Não envolve nenhum ritual de entrega – repleto de signos sedutores – como o desnudamento em seu sentido mais profundo. É simplesmente anatômico e funcional. Não surpreende porque não constitui a quebra de um limite. Nada tem de subjetivo, único e, certamente, não é fusional.

À luz das considerações de Bataille (2004, p. 202): “O sentido último do erotismo é a fusão, a supressão do limite. Apesar disso, em seu primeiro movimento, o erotismo se exprime pela posição de um objeto do desejo”.

O objeto erótico é o próprio signo “sedutivo”. Ele provoca e instiga o ser. Desperta-o para o envolvimento, a entrega. Jogo erótico necessário que se desenrola em direção à fusão.

No mundo animal, o cheiro da fêmea frequentemente determina a procura do macho. Os gorjeios, os rodeios dos pássaros colocam em jogo outras percepções que significam para a fêmea a presença do macho e a iminência do encontro sexual. O olfato, a audição, a visão e mesmo o paladar percebem sinais objetivos, distintos das atividades que eles determinarão. São sinais anunciadores da crise. Nos limites humanos, esses sinais anunciadores têm um valor erótico intenso.

Desde o mundo animal, esses sinais anunciadores tornam perceptível a diferença entre os seres. Em nossos limites, para além da orgia, eles evidenciam essa diferença, e como indivíduos dela dispõem de maneira desigual de acordo com seus dons, seu estado de espírito e sua riqueza, eles a aprofundam. O desenvolvimento dos sinais tem essa conseqüência: o

erotismo, que é fusão, que desloca o interesse no sentido de uma superação do ser pessoal e de todo o limite, é, contudo, expresso por um objeto. Estamos diante desse paradoxo: diante de um objeto significativo da negação dos limites de qualquer objeto, diante de um “objeto erótico”. (BATAILLE, 2004, p. 202, 203)

A era do pornô padronizou e aboliu os corpos. Reduzindo-os aos órgãos sexuais, excluiu o seu caráter único. O encontro sexual foi restrito ao ato sexual. Os “sinais anunciadores”, os signos sedutores, que envolvem todos os sentidos corporais – percebidos e ativados no corpo inteiro – não integram o fenômeno pornô. Do corpo – o maior de todos os objetos eróticos – só restam fragmentos, esquartejados e vendidos pela indústria pornográfica.

Na conjuntura do pornô, a era da banalização sexual atingiu diretamente os corpos. Deslocados de sua sacralidade ritualística, são exibidos nos mais variados contextos midiáticos, tornando-se instrumento de venda de qualquer produto. Quanto mais desnudo, mais comercial. Quanto mais comercial, menos sedutor.

Aprofundando a questão do corpo e sua relação com a sedução, comenta Baudrillard:

Hegel: “Do mesmo modo que, falando do exterior do corpo humano, dissemos que toda a sua superfície, em oposição a do mundo animal, revela a presença e o pulsar do coração, dizemos que a arte tem como tarefa fazer com que em todos os pontos da sua superfície o fenomênico, o aparente, converta-se em olho, sede da alma, fazendo-se visível ao espírito”. Portanto, nunca a nudez, nunca o corpo nu e o que for apenas nu – nunca o corpo simplesmente. É o que diz o índio quando responde ao branco que lhe pergunta por que vive nu: “Em mim, tudo é rosto”. O corpo, em uma cultura não-fetichista (que não fetichiza a nudez como verdade objetiva), não se opõe como para nós ao rosto, o único rico de expressão e dotado de olhar: ele próprio é rosto e nos olha. Portanto não é obsceno, ou seja, feito para ser visto nu. “Não pode” ser visto nu, assim como o rosto para nós, pois ele “é” véu simbólico, nada mais do que isso, e é esse jogo de véus onde, na verdade, o corpo é abolido “como tal” que faz a sedução. É aí que ela se instaura e nunca no arrancar do véu em nome da transparência de um de desejo ou de uma verdade. (BAUDRILLARD, 1991, p. 41, 42)

A sedução se instaura no jogo de véus que envolve o corpo como um enigma. Como etapa do jogo, o desnudamento presente no encontro amoroso (BATAILLE 2004). Completamente diverso do “arrancar do véu”, ele é parte do enigma do encontro sexual. Traz-lhe a beleza que só se faz na aproximação de seres descontínuos e inigualáveis, carregados da singularidade de suas identidades e em busca do encontro

com a continuidade. Nada semelhante à cultura dos corpos onde houve a inversão das partes rosto/ corpo tão bem observada por Baudrillard:

Indistinção do corpo e do rosto numa cultura total das aparências; distinção do corpo e do rosto numa cultura do sentido (o corpo nela se torna monstruosamente “visível”, torna-se o signo de um monstro chamado desejo) e depois triunfo total, no pornô, desse corpo obscuro, até o desaparecimento do rosto: os modelos eróticos ou atores pornô não têm rosto, não podem ser belos, feios ou expressivos; isso é incompatível, a nudez funcional apaga tudo na espetacularidade única do sexo. Alguns filmes não são mais que ruído visceral num grande plano coital: até o corpo desaparece, disperso nos exorbitantes objetos parciais. Qualquer rosto é inconveniente, pois quebra a obscenidade e restitui sentido aí onde tudo visa eliminá-lo no excesso de sexo e na vertigem da nulidade. (BAUDRILLARD, 1991, p. 42)

No espetáculo pornô não há rosto, pois na nossa cultura é dele que vem a identidade do corpo. Não há espaço para o improviso, para o jogo lúdico – sem vencedores. Seu roteiro é certo e fixo. Não interessa a tônica subjetiva da cena, somente o ato mecânico que se esgota no gozo. Carência total de sedução.

A lei da sedução é primeiro a de uma troca ritual ininterrupta, de um lance maior onde os jogos nunca são feitos, de quem seduz e de quem é seduzido e, em virtude disso, a linha divisória que definiria a vitória de um e a derrota de outro é ilegível – e não há outro limite para esse desafio ao outro de ser ainda mais seduzido ou de amar mais do que eu amo senão a morte. Ao passo que o sexual tem um fim próximo e banal: o gozo, forma imediata da finalização do desejo. (BAUDRILLARD, 1991, p. 29)

A sedução não tem um fim em si mesma. Ela só sobrevive dentro de um ciclo próprio e perpétuo, que não se esgota num encontro. Aposta sempre no aprofundamento, na redescoberta, na reinvenção dos signos. Sendo do universo feminino, é incerta e imprevisível. Figura-se numa espiral ascendente, interminável. É a interface entre dois seres dispostos a se entregar ao jogo sem fim e decididos a tocar a totalidade.

Por isso ela é ameaçadora. Parte integrante do ritual erótico, distorce e coloca em risco o mundo do trabalho. A estratégia de focar o sexo em todos os seus níveis: o ato, a exibição dos corpos e a liberalização do seu discurso integram uma tentativa de substituir a forma “sedutiva” pela forma produtiva.

Somos a cultura da ejaculação precoce. Cada vez mais, qualquer sedução, qualquer forma de sedução, que é um processo altamente “ritualizado”, apaga-se por traz do imperativo sexual “naturalizado”, por traz da realização

imediate de um desejo. Nosso centro de gravidade efetivamente deslocou-se para uma economia libidinal que só deixa lugar a uma naturalização do desejo destinado à pulsão ou ao funcionamento maquínico, mas sobretudo ao imaginário do recalque e da liberação.

Essa obrigação de liquidez, de fluxo, de circulação acelerada do psíquico, do sexual e dos corpos é a réplica exata da que rege o valor mercantil: é preciso que o capital circule, que não haja ponto fixo, que a cadeia dos investimentos e reinvestimentos seja incessante, que o valor se propague sem trégua – é essa a forma da realização atual do valor e da sexualidade, o modelo sexual é o seu modo de aparecimento no nível dos corpos. (BAUDRILLARD, 1991, p. 47)

É a ditadura do desejo. Desejamos ardentemente tudo o que pudermos consumir. O desejo associado ao imediatismo. Sem envolvimento ou relações profundas. O desejo pelo consumo do que deve ser usado e depois descartado – reativando o ciclo do consumo. O desejo por corpos que ofereçam algum prazer rápido, sem riscos. Puramente sexo.

O mesmo processo se verifica na questão dos discursos. É imperativo associar a visão histórico-antropológica de Bataille (2004) com o amplo trabalho desenvolvido por Foucault (1996) na análise dos interditos. Ambos analisam os temas interditados. Através de prismas diversos, tocam em campos comuns como a religião, a sexualidade e o poder.

É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é o interdito. Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja. Tabu do objecto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: jogo de três tipos de interditos que se cruzam, que se reforçam ou que se compensam, formando uma grelha complexa que está sempre a modificar-se. Basta-me referir que, nos dias que correm, as regiões onde a grelha mais se aperta, onde os quadrados negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: longe de ser um elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, é como se o discurso fosse um dos lugares onde estas regiões exercem, de maneira privilegiada, alguns dos mais temíveis poderes. O discurso, aparentemente, pode até ser nada além de por aí além, mas no entanto, os interditos que o atingem revelam, cedo, de imediato, o seu vínculo ao desejo e o poder. E com isso não há com que admirarmo-nos: uma vez que o discurso – a psicanálise mostrou-o – não é simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é objecto do desejo; e porque – e isso a história desde sempre ensinou – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorar-nos. (FOUCAULT, 2006, p. 2)

Foucault (1996) analisa os interditos no contexto dos discursos. Neles, os tabus apontados por Bataille (2004) são presentes e passíveis de estudo. Baseado na Filosofia e apoiado em outras ciências humanas como a sociologia, a história e a psicanálise,

Foucault traça um importante estudo das redes sociais e das suas relações de poder. Dentre muitas contribuições, ressalta a importância da análise do discurso para o entendimento dos mecanismos de controle e de poder. E vai além: localiza o próprio discurso como instrumento e objeto de poder. Dominá-lo e controlá-lo é uma das estratégias do controle social e ideológico.

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2006, p. 2)

A sociedade da produção reconhece a importância do discurso. A suposta liberalização sexual utiliza-se dele para colocar o sexo e os corpos no centro das atenções. Fala-se de sexo como nunca se imaginou. Em termos macro e micro, dos meios de comunicação às rodas de amigos. Como assunto principal ou coadjuvante, há sempre uma tônica sexual embalando os diálogos, envolvendo clara ou ambigualmente grande parte das conversas. Do ponto de vista estritamente lingüístico, poderíamos estudar o uso cada vez mais freqüente de palavras alusivas ao sexo em contextos aparentemente desfocados do seu conteúdo original. Por agora, interessa-nos discutir a banalização característica desses discursos

Do discurso do trabalho ao discurso do sexo, do discurso da força produtiva ao discurso da pulsão corre o mesmo ultimato de “pro-dução”, no sentido literal do termo. A acepção original, com efeito, não é a da fabricação mas a de tornar visível, de fazer aparecer e comparecer. O sexo é produzido como se produz um documento ou se diz de um ator que ele se produz em cena (BAUDRILLARD, 1991, p.43)

O sexo – e tudo a ele ligado – perdeu o caráter de transgressão porque deixou de ser uma interdição. Foi jogado na roda da produção, que dele extrai lucros imediatos – em termos financeiros – e vantagens no âmbito das relações de poder. Pois causa uma certa sensação de liberdade no conjunto social e distorce o conceito de sexualidade.

Mas, apesar de todos os esforços da sociedade da produção, a sexualidade, continua a ser ameaçadora. E sobrevive. Sobrevivem também, então, o erotismo e a sedução. Transfigurando-se no novo, eles resistem na era da vulgarização, emergindo e deslocando-se no seu interior.

Pois todas as liberações e as revoluções são frágeis, e a sedução é inelutável. É ela quem as espreita – seduzidas como são, apesar de si mesmas, pelo imenso processo de fracasso que as desvia de sua verdade – é ainda ela quem as espreita até o seu triunfo. Assim, mesmo o discurso sexual está continuamente ameaçado de dizer outra coisa além do que diz. (BAUDRILLARD, 1991, p.52)

Não é o escancarado que é sedutor. Ao contrário, o que falta, o que desafia é que seduz. Grande paradoxo do estratégia do sexo: liberar os discursos para retirar seu desafio. Porém, mesmo os discursos, cenas e práticas mais grosseiras e obscenas podem conter algo oculto. Aí sobrevive a sedução.

É que, no fundo, a pura exigência sexual, o puro enunciado do sexo são impossíveis. Não se libera a sedução, e o discurso anti-sedução é a última metamorfose do discurso da sedução.

O puro discurso da exigência sexual não é apenas um absurdo com relação à complexidade das relações afetivas, como simplesmente não existe. Engano acreditar na realidade do sexo e na possibilidade de dizê-lo sem outra forma de processo, engano todo o discurso que acredita na transparência; é também o do discurso funcional, do discurso científico, de qualquer discurso de verdade; felizmente, de modo contínuo ele é minado, devorado, destruído, ou melhor, enredado, desviado, “seduzido”. Sub-repticiamente volta-se contra si mesmo, sub-repticiamente um outro jogo, uma nova aposta vem dissolvê-lo. (BAUDRILLARD, 1991, p.53)

Apesar do *zoom* grotesco do pornô, dos corpos instrumentalizados no ciclo do consumo, dos enunciados sexuais vulgarizados e recorrentes, ainda há neles algo do signo sedutor que antes os caracterizava. Talvez tenha havido um deslocamento. Podemos nos sentir atraídos justamente pelo detalhe não intencional, pela parte mais discreta ou apagada da cena. Mesmo diante da tentativa padrão de tirar a significação dos signos, nossa subjetividade pode encontrar neles um quê de imprevisto que instiga e desafia. Seduz portanto.

Todavia a nudez nunca eliminará a sedução, pois instantaneamente torna-se outra coisa, adereço histórico de um jogo que a ultrapassa. Nunca há grau zero, referência objetiva, neutralidade, mas ainda e sempre as apostas. Todos os nossos signos hoje parecem concorrer, como o corpo na nudez, como o sentido na verdade, a uma objetividade definitiva, forma entrópica e metastática do neutro – que outra coisa vem a ser o corpo nu, ideal-típico de férias, entregue ao sol, higiênico e neutralizado em sua luciferina paródia de bronzeamento? E não obstante nunca há uma suspensão dos signos num ponto zero do real e do neutro; não há sempre uma reversão do próprio neutro a uma nova espiral de apostas, de sedução e de morte? (BAUDRILLARD, 1991, p.53, 54)

Barthes (1984), na sua análise acerca da fotografia, chamou esse signo sedutivo de *punctum*.. Ele é o instrumento que atrai o *Spectator* de maneira surpreendente. Vai

muito além do interesse intelectual provocado pelo *studium*, ou seja, o que a fotografia tem de analisável culturalmente. Ele é a ponte para um outro estágio, é o agente de modificação. A partir dele, a entrega.

É ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar. Em latim existe uma palavra para designar essa ferida, essa picada, essa marca feita por um instrumento pontudo; essa palavra me serviria em especial na medida em que remete também à idéia de pontuação e em que as fotos de que falo são, de fato, como que pontuadas, às vezes até mosqueadas, com esses pontos sensíveis; essas marcas, essas feridas são precisamente esses pontos. A esse segundo elemento que vem contrariar o *studium* chamarei então *punctum*; pois *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me “punge” (mas também me mortifica, me fere). (BARTHES, 1984, p. 46)

O *punctum* transcende o caráter racional envolvido no *studium*. Enquanto este é do domínio da razão e do código, constituído pela bagagem cultural do observador, o *punctum* é da ordem do imprevisível, do inesperado. Toca na medida da individualidade daquele que vê. Como diz o próprio Barthes (1984, p. 69): “Com muita frequência, o *punctum* é um ‘detalhe’, ou seja um objeto parcial. Assim, dar exemplos de *punctum* é, de certa maneira, entregar-me.” Do encontro da subjetividade com o detalhe, dá-se a sedução. Nada programado, nada previsto. Tudo variável, tudo feminino.

Um detalhe conquista toda minha leitura; trata-se de uma mutação viva de meu interesse, de uma fulguração. Pela marca de “alguma coisa”, a foto não é mais “qualquer”. Esse “alguma coisa” deu um “estalo”, provocou em mim um pequeno abalo, um *satori*, a passagem de um vazio (pouco importa que o referente seja irrisório). Coisa estranha: o gesto virtuoso que se apossa das fotos “cultas” (investidas por um simples *studium*) é um gesto preguiçoso (folhear, olhar rápida e indolentemente, demorar e apressar-se); ao contrário, a leitura do *punctum* (da foto pontilhada, se assim podemos dizer) é ao mesmo tempo curta e ativa, encolhida como uma fera. (BARTHES, 1984, p. 77)

Há algo verdadeiramente intrigante no processo de sedução. Apesar dele contar com alguns signos “sedutivos” padrões, existe um caráter de imponderável na relação signo/ sedução/ seduzido. A parte, o aspecto ou a forma do signo que pode nos causar comoção é de ordem subjetiva. Talvez seja essa a trinca do sistema pornô. Tentando vulgarizar o sexo através da hiper-realidade, ignorou que a sedução implica necessariamente um ser seduzido – cheio de especificidades.

Barthes (1984) analisou o processo semiótico presente na fotografia. Cotejando sua visão com o trabalho aqui proposto, aprofundamos um pouco a discussão acerca da sedução.

A fotografia pertence a essa classe de objetos folhados cujas duas folhas não podem ser separadas sem destruí-los: a vidraça e a paisagem, e por que não: o Bem e o Mal, o desejo e seu objeto: dualidades que podemos conceber, mas não perceber. (BARTHES, 1984, p.15)

O que Barthes (1984) chamou de “objeto folhado” é ponto de encontro entre o ser e o signo “sedutivo”. É a intercessão entre a identidade do ser e um “quê” presente no objeto erótico. É o ser seduzido de Baudrillard (1995):

A sedução é aquilo cuja representação não é possível, visto que nela a distância entre o real e seu duplo, a distorção entre o Mesmo e o Outro é abolida. Debruçado sobre a fonte, Narciso sacia a sede: sua imagem já não é “outra”, ela é sua própria superfície que o absorve, que o seduz, de forma que ele pode apenas aproximar-se sem nunca passar além dela, pois ele só existe além na medida reflexiva entre ele e ela. O espelho d’água não é uma superfície de reflexão mas uma superfície de absorção. (BAUDRILLARD, 1991, p.77)

A ordem da produção – que domina o trabalho e a fabricação em série – não conseguiu eliminar a sedução. Somos seres descontínuos carregados de identidade. É dessa identidade que avaliamos um signo como sedutor. Portanto, a sedução é infinita como são infinitos os mosaicos que constroem o perfil de cada ser. De comum entre eles, a busca pela continuidade, caminho que tem na sedução a sua estratégia.

A redução da sexualidade ao sexo utilizou os signos sedutores através da super exposição. Na tentativa de enfraquecê-los, distorceu-os e banalizou-os. Em parte, foi bem-sucedida. Criou uma certa ilusão de liberdade, a crença na revolução sexual. Mas se houve revolução, por que ainda sentimos culpa? Provavelmente porque ainda não deixamos de buscar formas alternativas de transgressão. Se “tudo” é possível e acessível, por que ainda resiste tamanha insatisfação? Provavelmente porque esse “tudo” está longe de ser no sentido da totalidade.

A pós-modernidade inaugurou um novo paradigma advindo da revolução sexual. Mas continuamos enfrentando os mesmos desafios fundamentais. Ainda somos uma sociedade de embate entre os mundos masculino e feminino. Entre o trabalho e o prazer. Entre o coletivo e o individual. Entre a razão e a incerteza. A nova ordem trouxe o sexo para os discursos, os corpos para a mídia. Temos mais acesso à informação sobre os mecanismos biológicos e sexuais. Porém ainda vivemos sob a interdição. E todo o poder ainda está onde sempre esteve: no controle dos mecanismos do jogo interdição/transgressão – indiferente e soberano a qualquer roupagem que o contexto histórico

possa adquirir –, assim como no seu contraponto, na sedução que o envolve e o desestabiliza.

O poder cumpre-se conforme uma relação “dual” em que lança um desafio à sociedade e em que é desafiado a existir. Se não pode “trocar-se”, conforme esse ciclo mínimo de sedução, de desafio e de astúcia, simplesmente desaparece.

No fundo, o poder não existe; nunca existe a unilateralidade de uma relação de forças sobre a qual instaurar-se-ia uma “estrutura” de poder, uma “realidade” do poder e de seu próprio movimento. Esse é o sonho do poder tal qual nos é imposto pela razão. Mas nada se quer assim, tudo busca sua própria morte, inclusive o poder. Ou melhor, tudo quer trocar-se, reverter-se e se eliminar num ciclo (é por isso, com efeito, que não há recalque nem inconsciente, pois a reversibilidade está sempre lá). “Só isso seduz profundamente”. O poder só é sedutor quando se faz uma espécie de desafio de si mesmo; se não, é apenas um exercício e satisfaz apenas a uma lógica hegemônica da razão. (BAUDRILLARD, 1991, p.77)

## 4 SEDUÇÃO E MORTE

É preciso muita força para perceber a ligação entre a promessa de vida, que é o sentido do erotismo, e o aspecto luxuoso da morte. A humanidade está de acordo em desconhecer que a morte é também a juventude do mundo. Com uma venda sobre os olhos, recusamo-nos a ver que a morte sozinha assegura um constante reflorescimento sem o qual a vida declinaria. Recusamo-nos a ver que a vida é a armadilha oferecida ao equilíbrio, que ela é inteiramente a instabilidade, o desequilíbrio no qual ela se precipita. É um movimento tumultuoso que atrai incessantemente a explosão. Mas a explosão incessante não cessa de esgotá-la, e ela só continua sob uma condição: que os seres que ela engendra, e cuja força de explosão está esgotada, dêem lugar a novos seres. (BATAILLE, 2004, p. 92, 93)

Juntamente com a sexualidade, a morte forma a base da interdição na sociedade humana. Cronologicamente, como já dito, essa foi a primeira interdição a se estabelecer. Parte essencial da dinâmica forjada pela ordem do trabalho, sempre foi alvo de medidas de exclusão.

Como antítese da vida, apresenta-se como grande desafio à humanidade – que dela tem consciência. Mas constitui, também, seu grande enigma: apesar da certeza de que é inexorável, nada mais sabemos sobre ela. A morte mobiliza algo difícil para o ser humano baseado na racionalidade: o desconhecido. Quer seja a morte real, quer seja a simbólica.

Gostamos do mundo das certezas. Sentimo-nos seguros no universo dos referenciais reconhecidos e socialmente aceitos. Somos seres descontínuos. Da nossa descontinuidade, construímos uma teia de conceitos e crenças que nos dão uma sensação de comunidade. Para não cairmos no vazio do isolamento, integramos grupos e criamos tribos. Vivemos num mundo “real”, organizado pela lógica do trabalho e no qual temos relativa segurança – o mundo masculino.

Qualquer ameaça a esse “real” estruturado e relativamente constante é vista como um grande perigo. Pode nos jogar no abismo da incerteza, do imprevisível, da necessidade de mudança. Vai de encontro ao padrão que foi construído durante toda a vida: ameaça a própria identidade e, em última análise, a cultura. Precisa, portanto, ser afastada.

A morte significa, certamente, uma diferença tanto quanto uma desordem na organização do trabalho: o primitivo podia sentir que a ordenação do trabalho lhe pertencia, enquanto a desordem da morte o superava, fazia de seus esforços um *non sense* (sem sentido). O movimento do trabalho, a operação da razão, servia-lhe, enquanto a desordem, o movimento da violência, arruinava o próprio ser, que é o fim das obras úteis. O homem, ao identificar-

se com a ordenação do trabalho, separava-se nessas condições da violência, que atuava em sentido contrário. (BATAILLE, 2004, p. 71)

Justamente por ser inerente ao mundo animal, a morte é incompatível com o mundo masculino, do trabalho. Ela joga o homem de volta à “violência”, relembrando-o sempre da sua natural animalidade. Semelhante ao processo da sexualidade, o reencontro homem/ natureza que se dá através da morte é às vezes traumático, às vezes divino. Mas é o reencontro. Marcado pelo choque entre dois mundos antagônicos e complementares – o animal e o racional. Na interface entre esses dois pólos, o erotismo e a sedução.

A regra desse jogo que, como toda regra fundamental, deve permanecer secreta é que a morte não é um acontecimento bruto e, para se cumprir, deve passar pela sedução, vale dizer, por uma cumplicidade instantânea e indecifrável, por um único signo que talvez não tenha sido decifrado. A morte não é um destino, mas um encontro marcado. (BAUDRILLARD, 1991, p.83)

A morte é um termo polifônico. Ao tocar o real e o simbólico pode ser analisada em vários níveis e em diferentes contextos. A sexualidade, localizada na outra base dos interditos, é um exemplo de uma das tônicas da morte. O princípio da fusão no encontro amoroso está na “morte” momentânea da identidade dos seres descontínuos. Ela é condição elementar para a transposição da barreira em direção à totalidade. É o orgasmo cósmico do qual falou Reich (1970), que coloca os dois seres em contato com a plenitude – muito diferente do gozo rápido, característico do sexo fácil da pós-modernidade.

A sedução no encontro amoroso antecede e abre caminho para a morte – a entrega. É toda a ritualística que envolve o momento. Batizada pela incerteza, a sedução é um jogo que nenhum dos parceiros controla – apenas participa, age e responde aos estímulos do outro. É o ritual do inesperado.

A sedução dos olhos. A mais imediata, a mais pura. A que prescinde de palavras; só os olhares enredam-se numa espécie de duelo, de enlaçamento imediato, à revelia dos outros e de seus discursos: discreto fascínio de um orgasmo imóvel e silencioso. Queda de intensidade quando a deliciosa tensão dos olhares se rompe em seguida com palavras ou gestos amorosos. Tactilidade dos olhares na qual se resume toda a substância virtual dos corpos (do desejo?) num instante sutil, com uma tirada espirituosa – duelo voluptuoso e sensual mas ao mesmo tempo desencarnado – desenho perfeito da vertigem da sedução, que nenhuma volúpia carnal em seguida poderá igualar. Esses olhos são acidentais, mas é como se estivessem desde sempre pousados em nós. Aqui não há nenhum desejo pois o desejo não tem encanto,

e esse encanto é feito de signos puros, atemporais, duais e sem profundidade. (BAUDRILLARD, 1991, p.87, 88)

Como a morte, a sedução fascina pelo vazio que anuncia. Há o medo do porvir, mas há a atração pelo que ela pode inaugurar. É o incontável da vida animal que nunca nos abandona e do qual mantivemos a memória. Saudosismo de um mundo sem o controle da razão, mesmo que nunca o tenhamos vivido integralmente. Traz-nos o entusiasmo que nos habita.

Mnemosyne, a recordadora, era divindade no panteão grego. Qual o poder de Mnemosyne? Irmã de Cronos e de Okeanos, do tempo e do oceano, mãe das musas cujo coro conduz, ela preside à função poética que exige intervenção sobrenatural. É uma forma de possessão e delírio divinos, o entusiasmo. O intérprete de Mnemosyne é possuído pelas musas como o profeta o é por Apolo.

Vernant, quando coteja os aspectos míticos da memória e do tempo, coteja sempre a vidência do futuro com a do passado, as revelações do que aconteceu outrora e do que ainda não é. Mnemosyne dispensa a seus eleitos uma onisciência do tipo divinatório, não de seu passado individual, mas do passado em geral, do tempo antigo. Qual a função da memória? Não reconstrói o tempo, não o anula tampouco. Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o mundo do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol. Realiza uma “evocação”: o apelo dos vivos, a vinda à luz do dia, por um momento, de um defunto. (BOSI, 2005, p.47, 48)

No encontro erótico, a evocação é pelo retorno da totalidade perdida. Implica na aceitação da morte momentânea da *persona* e na presença do outro como parceiro, ambos envolvidos no jogo iniciado pelo ritual da sedução e finalizado pela sensação de unidade.

Sedução e morte se interpenetram. A primeira necessita da segunda. A segunda é precedida pela primeira. Partes integrantes do sistema erótico, têm em comum o desafio. Desafiam a ordem racional. Aí está seu poder.

Poder de atração e de distração, poder de absorção e de fascinação, poder de destruição não só do sexo mas do real no seu conjunto, poder de desafio – nunca uma economia de sexo e de fala, mas um lance de graça e violência, uma paixão instantânea a que o sexo pode chegar, mas que também pode se esgotar em si mesma nesse processo de desafio e morte, na indefinição radical pela qual se diferencia da pulsão, que é indefinida quanto ao seu objeto mas definida como força de origem, ao passo que a paixão da sedução não tem substância nem origem: não adquire sua intensidade de algum investimento libidinal, de alguma energia do desejo, mas da pura forma do jogo e do lance puramente formal. (BAUDRILLARD, 1991, p.87, 88)

Sendo do reino feminino, a morte é ameaçadora no simbólico e no real. Como analisamos no primeiro capítulo deste trabalho, da sua interdição nasceram grande parte das normas da sociedade humana. Ela foi afastada do contexto coletivo através do sepultamento e da proibição: “Não matarás”. Como mecanismo intrínseco à interdição, transgressões como a guerra e a pena de morte foram criadas.

Paralelamente à essa formação, a morte era mantida através dos rituais de sacrifício. Comandada pelos sacerdotes, a morte do ser era contemplada pela coletividade, numa demonstração da passagem descontinuidade/ continuidade. Com o passar o tempo, o sacrifício tornou-se objetal – comum em certas culturas africanas – ou mesmo simbólico – como o caso do cristianismo.

Deslocada do cotidiano coletivo, a morte passou a ser vista como algo sujo. A putrefação do corpo, e tudo a ela ligado – o sangue derramado, o odor exalado –, foi associada ao horror da sua representação: o desconhecido e o incontrolável. Bataille (2004) estabelece interessante relação entre a sexualidade e a morte – associados à sujeira e ao nojo:

O horror que temos dos cadáveres é vizinho dos sentimentos que temos diante dos excrementos humanos. Esse paralelo tem ainda mais sentido se considerarmos o horror análogo em relação aos aspectos da sexualidade que qualificamos de obscenos. Os condutos sexuais evacuam dejeções; nós os qualificamos como “partes pudendas” e os associamos ao orifício anal. Santo Agostinho insistia pensosamente sobre a obscenidade dos órgãos e da função da reprodução. *Inter faeces et urinam nascimur*, dizia ele. “Nascemos entre o excremento e a urina”. Nossas matérias fecais não são objeto de uma interdição formulada por regras sociais meticulosas, análogas às que incidem sobre o cadáver ou sobre o sangue menstrual. Mas, no conjunto, por deslocamentos, formou-se um campo da imundície, da decomposição e da sexualidade, cujas conexões são muito sensíveis. (BATAILLE, 2004, p. 88)

Diante do que percebemos como sujo, afastamo-nos. Evitamos e isolamos qualquer estímulo que nos conduza à náusea. Se a morte passa a ser vista como algo sujo, nada mais racional que o seu gradativo e aperfeiçoado afastamento.

Porém, o afastamento da morte quebra um ritual extremamente necessário no mundo da descontinuidade. Entendida como perda, a morte provoca uma das maiores dores do ser humano – talvez a maior. Uma dor que os rituais de luto têm como função purgar e apaziguar.

A pós-modernidade exacerbou esse afastamento. Diante da vida tomada pela imensa rotina do trabalho, tudo tem que ser rápido. O nascimento, a amamentação, a

doença, enfim, a vida e, claro, a morte. Nada pode afetar o *homo oeconomicus* (cf. Baudrillard), nada pode desviá-lo da produção.

Fazemos sexo rápido, parimos com hora marcada, desmamamos nossos filhos, enterramos quase que instantaneamente nossos mortos. Sem tempo para o prazer, para o vínculo, para o sofrimento. É a era da superficialidade. Sem tempo para a entrega.

Benjamin (1994) faz importantes apontamentos sobre a morte na era da produção. Partindo da questão do declínio da narração na modernidade, analisa as mudanças do contexto social geradoras de um novo padrão cultural nas relações com o tempo e a morte:

A idéia da eternidade sempre teve na morte sua fonte mais rica. Se esta idéia está atrofiando, temos que concluir que o rosto da morte deve ter assumido outro aspecto.

No decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a idéia de morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. Esse processo se acelera em suas últimas etapas. Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte. Morrer era antes um ato público na vida do indivíduo, e seu caráter era altamente exemplar: recordem-se as imagens da Idade Média, nas quais o leito de morte se transforma num trono em direção ao qual se precipita o povo, através das portas escancaradas. Hoje, a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos. Antes não havia uma só casa e quase nenhum quarto em que não tivesse morrido alguém. (A Idade Média conhecia a contrapartida espacial daquele sentimento temporal expresso num relógio solar de Ibiza: *ultima multis*.) Hoje, os burgueses vivem em espaços depurados de qualquer morte e, quando chegar a sua hora, serão depositados em sanatórios e hospitais. Ora, é o momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessas substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso –, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos ao seu redor. (BENJAMIN, 1994, p.207, 208)

Como constituíram um marco em relação à sexualidade, as revoluções burguesas também vão marcar outras áreas, criando um mundo de grande multiplicidade institucional. Na tentativa de limpar a sociedade de toda a “impureza” – associada pelos burgueses à nobreza –, a nova ordem exclui da sociedade tudo o que puder infectá-la. Foucault (1992) chama a atenção para a criação de hospitais e leprosários, além da instituição escolar – esta com o objetivo de uniformizar a educação.

A morte, encarada como o fim último de todas as impurezas, foi, naquilo que era possível, abolida da vida coletiva. O ritual do velório – longo, movimentado, público e

aberto – , as mulheres carpideiras – que choravam e ajudavam a expurgar a dor –, o luto familiar – deixando explícito que aquela família tinha convivido recentemente com a morte –, o caixão sendo levado pelos braços de familiares e amigos compadecidos, o comércio que baixava as portas. Signos de um ritual que unia a comunidade em torno da dor da perda e de uma sociedade que convivia um pouco mais com a morte.

A pós-modernidade não combina com esses rituais. As ruas movimentadas são um cenário pouco propício para um cortejo fúnebre dessa natureza. Os vizinhos mal se conhecem, sequer convivem. O comércio tende a ser 24 horas, abre as domingos – não pode ser paralisado a cada morte na grande cidade.

Os holofotes estão voltados em outra direção: à vida , ao menos ao que hoje entende-se por isso. À vida como negação da morte e de todos os seus símbolos. Ao consumo e à reposição rápida do que estragou ou não está mais na moda. Ao que é novo, tecnológico e avançado. Na sociedade do culto ao presente, se não há lugar para a morte, nada do que dela se aproxime tem valor – seja o velho, a memória ou a história.

Mas a morte é inelutável. E sempre sacode as estruturas. Se as estruturas sociais são, no seu caráter difuso, mais resistentes – ao menos aparentemente –, as estruturas individuais fraquejam diante da morte quando ela as atinge. É o encontro com a continuidade pelo choque, através da dor. E o encontro com a morte nunca é indiferente, transforma o ser. Em algum lugar, ocorre um abalo. Cicatriz eterna.

É o convite renovado à vida. Quer seja no sentido de que aquele que se foi encontrou a continuidade, quer seja no aviso de que a própria descontinuidade deve ser vivenciada. Inclusive e especialmente no que ela tem de morte: o imprevisível, a possibilidade de mudança, a sexualidade amorosa. Encontrar, em vida, a morte. Poeticamente. Nada pode ser mais sedutor.

Seduzir é fragilizar. Seduzir é desfalecer. É através da nossa fragilidade que seduzimos, jamais por poderes ou signos fortes. É essa fragilidade que pomos em jogo na sedução, e é isso que lhe confere seu poder.

Seduzimos por nossa morte, por nossa vulnerabilidade, pelo vazio que nos persegue. O segredo é saber jogar com essa morte a despeito do olhar, a despeito do gesto, do saber, do sentido. (BAUDRILLARD, 1991, p.94, 95)

Como a morte, a sedução ambienta-se na sombra. Promessa de acesso a outra realidade, aparece e oculta-se num jogo sem fim. Soberana, esvai-se diante de qualquer limitação. Poética, mobiliza-nos como aos seres ancestrais. Arrebata-nos. “A poesia leva ao mesmo ponto que cada forma de erotismo, à indistinção, à confusão dos objetos

distintos. Ela nos leva à eternidade, ela nos leva à morte, à continuidade: a poesia é a eternidade.” (BATAILLE, 2004, p. 40)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da sedução é instigante por si só. Quando pensamos tê-lo tocado, vem a sensação que se esvaiu, restando apenas alguns vestígios. Deparamo-nos com uma das suas principais características: a imaterialidade. Imaterial, a sedução não se enquadra nos moldes da pesquisa tradicional. Qualquer método que vise a ordenação e um enfoque mais racional mostrar-se-á ineficiente. Aliás, eficiência não combina com a sedução.

Quase intangível, quando nos aproximamos do seu universo, defrontamo-nos com inúmeros aspectos da história e da cultura humanas. A sedução é ponte para o erotismo. No erotismo, um imenso espectro de estudo e análise. Entram em cena os pontos centrais ao redor dos quais orbita todo este trabalho: a morte e a sexualidade. Das infinitas abordagens possíveis, um viés histórico dialogando com a atualidade.

Denso. Como qualificar um trabalho cujo cerne são morte e sexualidade senão assim? Objetos de controle e manipulação, interessam ao poder, à produção, à religião. Campos privilegiados para todo e qualquer estudo que tenha no homem seu foco. Campos privilegiados de atuação da sedução. Bela oportunidade para tentar ao menos mapear a sua ação.

Obra mista: teoria, história, psicanálise e semiótica numa relação especular. Como espelho? Como objeto erótico? Ela, a sedução. Desconhedora das leis da física clássica, envolve a óptica como numa relação amorosa: reverte seus princípios, permite reflexão e refração, fusiona.

Essencial para o entendimento da cultura do trabalho, a sedução – com todo o seu princípio superficial – apresenta-se como um dos possíveis caminhos de pesquisa. Mas não tenha o pesquisador a ilusão de que tratará especificamente dela, de que irá tê-la como objeto ou como *corpus* único. A sedução estará na pesquisa como perfume, apenas desviando de si e atraindo a atenção para outros temas – definitivamente importantes. Que belo artifício! Ser a ausência que seduz.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do estado*. 2 ed. Rio de Janeiro : Graal, 1985.
- BAKER, Elsworth Fredick. *O labirinto humano: as causas do bloqueio da energia sexual*. São Paulo : Summus, 1980.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. 11. ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1991.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo : Arx, 2004.
- BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. São Paulo : Loyola, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas : Papirus, 1991.
- BENJAMIN, W. O Narrador. In: *Obras escolhidas vol. I : magia e técnica, arte e política*. 7 ed. São Paulo : Brasiliense, 1994 a, p.197-121.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 11 ed. São Paulo : T. A. Queirós, 1979.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro : Campus, 1997
- CAROTENUDO, Aldo. *Eros e pathos: amor e sofrimento*. São Paulo : Paulus, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo : Edições Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Histoire de la sexualité II: l'usage des plaisirs*. Paris : Gallimard, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 10<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro : Graal, 1992.
- KUSNETZOFF, Juan Carlos. *Introdução à psicopatologia psicanalítica*. 5 ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982.
- MEZAN, Renato. *Psicanálise, judaísmo: ressonâncias*. Campinas : Escuta, 1986.
- REICH, Wilhelm. *La fonction de l'orgasme*. Paris : L' Arche, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Le meurtre du christ..* Paris : Champ Libre, 1971.
- \_\_\_\_\_. *La revolution sexuelle*. Paris : Christian Bourgois, 1968.
- \_\_\_\_\_. *La superposition cosmique*. Paris : Payot, 1974.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 3. ed. Brasília : Editora da Universidade de Brasília, 1995.